

## Quarta Parte

### Paralelos entre o Quarto Evangelho e a Regra da Comunidade quanto ao tema da "Luz".

#### 4.1.

##### Introdução

Se o uso da imagem da luz para expressar a realidade divina tem raízes antigas na tradição bíblica, a Regra da Comunidade dos essênios de Qumran e o Quarto Evangelho desenvolveram este simbolismo de maneira especial. Os dois contextos literários dedicaram-se a expressar suas idéias e convicções sob o tema da luz divina, da iluminação sobrenatural, ligada ao bem e oposta ao mal, simbolizado pelas trevas. A Regra da Comunidade se destaca do conjunto dos livros veterotestamentários e da literatura judaica intertestamentária pela ênfase dada ao seguimento da luz pelos filhos da luz, ajudados pelos Anjos da Luz. O uso que o Novo Testamento faz do termo Φῶς alcança a máxima expressão nos escritos joaninos. Desde o Prólogo do Quarto Evangelho, a luz é a imagem propriamente joanina. É o evangelho joanino que, de modo particular, utiliza o simbolismo da luz como o objetivo de retratar Jesus como a luz que irrompe no meio da escuridão de um mundo mergulhado em trevas.

Esta terceira parte da tese tem como objetivo trabalhar os paralelos entre a Regra da Comunidade e o Quarto Evangelho. A partir dos desenvolvimentos exegéticos e teológicos dos conceitos de אור, na Regra da Comunidade, e de φῶς, no evangelho joanino, com os diversos elementos conceituais relacionados, são apresentados os paralelos nos diversos conteúdos semânticos. Neste sentido, como ponto de partida e eixo semântico estão as palavras אור e φῶς com seus seguintes desenvolvimentos: a luz e a verdade; a luz da vida; e andar na luz; assim como as formas dualistas luz/trevas, filhos da luz/filhos das trevas e anjos-espíritos da luz/anjos-espíritos das trevas. Também constitui objeto de comparação o conflito entre a luz e as trevas e a vitória escatológica da luz.

## 4.2.

### A Luz e a Verdade (cf. 1QS 3,10; Jo 1,9)

Na Regra da Comunidade, a verdade é vista como meio de purificação, de santificação e de libertação, seguindo a linha do Antigo Testamento onde a verdade é geralmente a fidelidade ao que Deus pede<sup>854</sup>:

Então purificará Deus com sua verdade todas as obras do homem, e refinará para si a estrutura do homem arrancando todo espírito de injustiça do interior, e purificando-o com o espírito de santidade de toda ação ímpia. Derramará sobre ele o espírito de verdade como águas lustrais..." (1QS 4,20-21)<sup>855</sup>.

Passa-se rapidamente do tema da "verdade" para o tema do "Espírito da verdade", de modo que é o Espírito da verdade, chamado também Espírito de santidade, quem opera a purificação dos homens, uma vez que comunica-lhes o conhecimento: "Assim os retos entenderão o conhecimento do Altíssimo..." (1QS 4,22)<sup>856</sup>. O Quarto Evangelho também apresenta a verdade como veículo de purificação e santificação: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é verdade... E, por eles, a mim mesmo me santifico, para que sejam santificados na verdade" (Jo 17,17-19). A verdade também tem a finalidade de libertar da escravidão de Satanás: "...e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (8,32). Desta forma, tanto na Regra da Comunidade como no evangelho joanino, o papel essencial do espírito de verdade é o de iluminar os homens e de comunicar-lhes o conhecimento<sup>857</sup>. Mas enquanto Jesus está pleno de verdade e é a verdade (cf. Jo 1,14; 14,6)<sup>858</sup>; a comunidade qumrânica baseia-se na interpretação da verdade revelada na Lei<sup>859</sup>.

Quanto à relação de igualdade entre "luz" e "verdade", assim encontramos na Regra da Comunidade: "Do manancial da luz (אור) provêm as gerações da verdade (אמת), e da fonte das trevas as gerações de falsidade" (1QS 3,19). O Quarto Evangelho igualmente associa os dois termos: O verbo "era a luz verdadeira (τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν) que ilumina todo homem" (Jo 1,9); e "Pois quem

<sup>854</sup> Cf. GÓMEZ, I., *Qumran y el Nuevo Testamento* in **NT 1** (1970), p. 26.

<sup>855</sup> GARCÍA MARTÍNEZ, F., *Textos de Qumran*, p. 50.

<sup>856</sup> Cf. BOISMARD, M. E., *La Literatura de Qumran y los Escritos de San Juan* in **CuBi 12** (1955), p. 258.

<sup>857</sup> *Ibid.*, p. 259.

<sup>858</sup> Cf. SÁNCHEZ NAVARRO, L., *Estructura Testimonial del Evangelio de Juan* in **Bib 86** (2005), p. 513.

<sup>859</sup> Cf. LAMADRID, A. G., *Los Descubrimientos del Mar Muerto*, p. 320.

faz o mal odeia a luz (τὸ φῶς) e não vem para a luz (τὸ φῶς), para que suas obras não sejam demonstradas como culpáveis. Mas quem pratica a verdade (τὴν ἀλήθειαν) vem para a luz (τὸ φῶς), para que se manifeste que suas obras são feitas em Deus" (Jo 3,20-21). Por causa de sua devoção à verdade, os sectários de Qumran eram chamados de "testemunhas da verdade" (cf. 1QS 8,6). No Novo Testamento, apenas o Quarto Evangelho utiliza esta expressão<sup>860</sup>, sempre com referência a Cristo ou a João Batista. Assim, Jesus respondeu a Pilatos: "Para isto eu nasci e para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade (μαρτυρήσω τῇ ἀληθείᾳ). Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz" (18,37; Jo 5,33; e também 3Jo 3)<sup>861</sup>.

A relação luz-verdade na Regra da Comunidade e no evangelho joanino pode ser sintetizada da seguinte maneira:

#### Regra da Comunidade

תְּלִדוֹת הַאֱמֶת - בְּמַעַן אֹר (3,19)  
No manancial de luz - gerações da verdade.

#### Quarto Evangelho

πρὸς τὸ φῶς - ἔρχεται - ὁ ποιῶν τὴν ἀλήθειαν (3,21)  
para a luz - vem - o que pratica a verdade

Ὁ λόγος - τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν (1,9)  
O Verbo - a luz verdadeira.

Na Regra da Comunidade, as gerações da verdade têm sua origem na fonte de luz. No evangelho de João, os que praticam a verdade vão para a luz; e a luz verdadeira é apenas Jesus.

<sup>860</sup> Cf. GROSSOW, W., *The Dead Sea Scrolls and the New Testament* in **StC** 26 (1950-51), p. 298. Assim como também só o evangelho joanino utiliza, no Novo Testamento, a expressão "praticar a verdade" (Jo 3,21; cf. 1Jo 1,6; Ap 22,15).

<sup>861</sup> Cf. BROWN, R. E., *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles*, vol. II in **CBQ** 17 (1955), p.561.

### 4.3.

#### A "Luz da Vida" (1QS 3,6-7; Jo 8,12)

Sempre e em toda a parte, a vida é um bem muito grande para o homem, sendo o maior dos valores. No AT, Deus é a origem e Senhor da vida, dando aos homens o sopro vital (cf. Gn 2,7). O Salmista pode então cantar: "Em ti está a fonte da vida. Na tua luz, vemos a luz" (Sl 36,10)<sup>862</sup>. O conceito de vida é usado no Quarto Evangelho com grande ênfase, pois Jesus é aquele que tem a vida em si mesmo<sup>863</sup>. De fato, só aquele que tem a luz em si e, portanto, é a luz, pode ter a vida em si e ser a vida<sup>864</sup>. Diante disso se vê que, no pensamento joanino, "vida" substitui noções centrais nos sinóticos como "Reino de Deus" e "salvação"<sup>865</sup>. Sinalizadora de salvação, a palavra "vida" torna-se noção decisiva, de modo que a oposição vida/morte ocupa um papel central em sua teologia. Todavia, nos manuscritos de Qumran, essa oposição falta quase por completo<sup>866</sup>. Sem luz, a vida é opressão e temor, e até mesmo trevas da morte. A luz da vida implica ao mesmo tempo o conhecimento do outro, o que possibilita ao crente viver o amor aos outros<sup>867</sup>.

A notável forma literária אור החיים ("luz da vida") encontrada em 1QS 3,6-7 ("Porque pelo espírito do conselho verdadeiro sobre os caminhos do homem são expiadas todas as suas iniquidades para que possa contemplar na luz da vida"), ocorre, no Novo Testamento, apenas no Evangelho de João [8,12: "Outra vez, então, falou-lhes Jesus dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue jamais caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida" (τὸ φῶς τῆς ζωῆς)]<sup>868</sup>. Para Barret<sup>869</sup>, a expressão, que na Regra da Comunidade provavelmente se refere à Lei, é um paralelo com o Quarto Evangelho somente enquanto Jesus ocupa o lugar da Lei. De fato, o evangelho enfatiza que a Lei já figura a ação do Messias:

<sup>862</sup> Cf. ASENSIO, F., *El Dios de la Luz*, p. 121-122.

<sup>863</sup> Cf. WAHLDE, U. C. V., *He Has Given to the Son to Have Life in Himself (John 5,26)* in **Bib 85** (2004), p. 410.

<sup>864</sup> Cf. SANDNES, K. O., *Whence and Whither. A Narrative Perspective on Birth ἄνωθεν (John 3,3-8)* in **Bib 86** (2005), p. 157.

<sup>865</sup> Cf. SCHELKLE, K.H., *Teologia do Novo Testamento 2*, p. 129-131.

<sup>866</sup> Cf. BLANK, J., *El Evangelio Según San Juan I*, p. 48.

<sup>867</sup> Cf. SCHELKLE, K.H., op. cit., p. 132.

<sup>868</sup> Cf. GROSSOW, W., *The Dead Sea Scrolls and the New Testament* in **StC 26** (1950-51), p. 298; CHARLESWORTH, J. H., *A Critical Comparison Of The Dualism In 1QS III,13 - IV and the "Dualism" Contained in the Fourth Gospel* in **NTS 15** 91968), p.414.

<sup>869</sup> Cf. BARRET, C. K., *The Gospel According to St. John*, p. 337.

"Encontramos aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os os profetas: Jesus, o filho de José, de Nazaré" (1,45; cf. 12,34; 15,25)<sup>870</sup>.

Embora a expressão "luz da vida" não esteja precisamente definida na Regra da comunidade, ela está associada com a imortalidade, assim como no evangelho de João<sup>871</sup>. Os membros de Qumran têm os corações iluminados pela sabedoria da vida (cf. 1QS 2,3) e podem contemplar a luz da vida (cf. 1QS 3,7)<sup>872</sup>. No Quarto Evangelho, a luz é a vida garantida pelo Logos como uma existência salvífica: ὁ γέγονεν ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν, καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων·(O que foi feito nele era vida, e a vida era a luz dos homens; 1,4). Não ter vida é não viver da palavra de Deus<sup>873</sup>. A vida, sendo a luz dos homens, fisicamente vivos, adquire, portanto, significado que ultrapassa a mera existência: é a plenitude da vida e a vida definitiva<sup>874</sup>.

Deste modo, a luz da vida é objeto de promessa e de contemplação tanto na Regra da Comunidade como no Quarto Evangelho:

Regra da Comunidade	Quarto Evangelho
בְּאוֹר הַחַיִּים - לְהַבִּיט (3,7) Para contemplar - na luz da vida.	ἔξει - τὸ φῶς τῆς ζωῆς. (8,12) Terá - a luz da vida

#### 4.4.

#### O Dualismo Luz/Trevas

O dualismo presente no pensamento de Qumran e a sua possível relação com o dualismo joanino têm sido objeto de considerável interesse e discussão<sup>875</sup>. De fato, é significativo notar que o dualismo característico do judaísmo tardio<sup>876</sup>, aquele do pensamento em duas eras distintas: o éon presente e o éon futuro são modificados na literatura de Qumran, especificamente em 1QS, e nos escritos

<sup>870</sup> Cf. LENDRINO, J. V., *El Culto en Espíritu y en Verdad en el IV Evangelio*, p. 155.

<sup>871</sup> Cf. TEEPLE, H., *Qumran and the Origin of the Fourth Gospel*, p. 16.

<sup>872</sup> Cf. SCHULZ, S., *Das Evangelium nach Johannes*, p. 126.

<sup>873</sup> Cf. LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 71.

<sup>874</sup> Cf. WAHLDE, U. C. V., *He Has Given to the Son to Have Life in Himself (John 5,26) in Bib 85* (2004), p. 410-411.

<sup>875</sup> Cf. TEEPLE, H., op. cit., p.12.

<sup>876</sup> Cf. JEREMIAS, J., *Teologia do Novo Testamento*, p. 163. O Antigo Testamento menciona um governo permanente de Deus no éon presente e um futuro reinado de Deus no novo éon. Isto ocorre claramente em Dn 4,31 (o reinado de Deus no tempo presente) e em Dn 2,44 (o governo futuro). Essa distinção permanecerá fundamental para as épocas posteriores. O reinado permanente de Deus é o seu senhorio sobre Israel.

joaninos precisamente da mesma maneira<sup>877</sup>. Trata-se do chamado "dualismo modificado" (cf. 1QS 11,11 e Jo 1,3.10), excluindo a possibilidade de que alguma coisa possa não ter sido criada por Deus<sup>878</sup>. Tanto nos manuscritos como no Quarto Evangelho, este dualismo é ético e não metafísico<sup>879</sup>. No entanto, no Quarto Evangelho, o dualismo não se dá entre dois espíritos opostos como acontece nos textos de Qumran; e Cristo, um dos princípios opostos, não é um ser criado<sup>880</sup>. O dualismo é concebido ainda de modo essencialmente diferente: em Qumran, é ontológico, onde dentro de um determinismo predestinacionista, o destino de cada indivíduo está marcado desde o seu nascimento. No Quarto Evangelho, refere-se a uma escolha moral<sup>881</sup>, sendo que a insistência sobre a decisão pessoal faz com que o dualismo seja essencialmente soteriológico. Apesar de as palavras de Jesus em Jo 15,16 parecerem implicar algum determinismo, o evangelho joanino sempre chama a atenção para a escolha entre "luz" e "trevas"<sup>882</sup>.

Assim, no Quarto evangelho, o dualismo ético se realiza entre luz e trevas, sendo que as "trevas" estão associadas com o mal, e a "luz" está conectada com "praticar a verdade" (cf. 3,19-21)<sup>883</sup>. A mesma nota ética aparece nos textos de Qumran, onde o caminho do espírito da luz consiste de humildade, bondade e zelo pelas leis justas (cf. 1QS 4)<sup>884</sup>. No Quarto Evangelho, o aspecto ético mais importante é o mandamento do amor uns com os outros; na verdade, não porque o autor tenha um interesse geral pela ética, mas porque ele reconhece a necessidade da unidade na igreja ferida pela dissensão. Além desse fato, o interesse pela ética consiste em simplesmente usá-la para denunciar quem não crê no Filho (cf. Jo 3). Deste modo, o dualismo ético é, para o Quarto Evangelho, acidental; enquanto que para os essênios, como também para os fariseus, era um tema principal, aparecendo constantemente nos escritos. O Quarto Evangelho condensa a vida e

<sup>877</sup> Cf. CHARLESWORTH, J. H., *A Critical Comparison of the Dualism In 1QS III,13 - IV and the "Dualism" Contained in the Fourth Gospel* in *NTS* 15 91968), p. 410.

<sup>878</sup> Cf. PAINTER, I., *The Quest for the Messiah*, p. 37.

<sup>879</sup> Cf. SCHULZ, S., *Das Evangelium nach Johannes*, p. 21.

<sup>880</sup> Cf. MARSH, J., *The Gospel of St. John*, p. 38.

<sup>881</sup> Cf. SCHEKLE, K. H., *A Comunidade de Qumran e a Igreja do Novo Testamento*, p. 121-122.

<sup>882</sup> Cf. KONINGS, J., *Evangelho Segundo João*, p. 21.

<sup>883</sup> Cf. SANDNES, K. O., *Whence and Whither. A Narrative Perspective on Birth ἄνωθεν (John 3,3-8)* in *Bib* 86 (2005), p. 166-167.

<sup>884</sup> Cf. BROWN, R. E., *The Gospel According to John I-XII*, p. 134.

obra de Jesus na seguinte declaração: "E a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a receberam" (Jo 1,5; cf. 3,19-21; 12,46; 1Jo 1,5-7; 2,8-11)<sup>885</sup>.

#### 4.4.1

#### **Caminhar na Luz/Caminhar nas Trevas (1QS 3,20-21; Jo 8,12; 11,9; 12,35-36)**

Na Regra da Comunidade, vemos que os homens estão sob as realidades da "luz" e das "trevas", o que retrata aparentemente uma falta de escolha. Desta forma, a diferença na conduta de uma pessoa boa e de uma pessoa má está reduzida à influência do espírito da verdade e do espírito da perversão e da falsidade<sup>886</sup>:

"Do Deus do conhecimento provém tudo o que é e o que será. Antes que existissem fixou todos os seus planos e quando existem completam as suas obras de acordo com as suas instruções, segundo o seu plano glorioso e sem mudar nada... Ele criou o homem para dominar o mundo, e pôs nele os espíritos, para que caminhe por eles até o tempo de sua visita: são os espíritos da verdade e da falsidade" (1QS 3,15-19). E ainda: "Até agora os espíritos de verdade e de injustiça disputam no coração do homem e caminham em sabedoria ou na loucura. De acordo com a herança do homem na verdade e na justiça, assim odeia ele a injustiça; e segundo a sua parte no lote de injustiça age impiamente nela, assim, abomina a verdade" (4,23-25)<sup>887</sup>

No caso dos filhos da luz, parece existir uma especial predileção divina, na qual eles são escolhidos por Deus quase que independentemente de suas obras: "Pois a eles Deus escolheu para uma aliança eterna..." (1QS 4,22; cf. 8,6; 11,7). Tais textos parecem favorecer um determinismo. Entretanto, há passagens que deixam transparecer a liberdade de decisão, de modo que os homens andam deliberadamente por cada um dos caminhos de "luz" ou "trevas"<sup>888</sup>:

"Que pela aliança se comprometa a separar-se de todos os homens de iniquidade que caminham por caminhos de impiedade. Pois eles não são contados em sua aliança, já que não buscaram nem investigaram os seus preceitos para conhecer as coisas ocultas nas quais erraram por sua culpa..." (cf. 1QS 5,10-12)<sup>889</sup>.

<sup>885</sup> Cf. GÓMEZ, I., *Qumran y el Nuevo Testamento* in **NT 1** (1970), p. 26.

<sup>886</sup> Cf. BROWN, R. E., *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles* in **CBQ 17** (1955), p. 413.

<sup>887</sup> GARCÍA MARTÍNEZ, F., *Textos de Qumran*, p. 50.

<sup>888</sup> Cf. BROWN, R. E., *op. cit.*, p. 414-415.

<sup>889</sup> GARCÍA MARTÍNEZ, *op. cit.*, p. 51.

De modo geral, os maus são punidos precisamente porque rejeitaram a vontade de Deus e fazem sua própria vontade. O malvado não se interessou em conhecer os preceitos de Deus e recusou a possibilidade de arrependimento e de correção, oferecida ao sectário indisciplinado. No Quarto Evangelho, observa-se, por um lado, a pura declaração da predileção de Deus: "Não fostes vós que escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes fruto" (15,16)<sup>890</sup>. O seguimento de Jesus é interpretado como dom do Pai que atrai o discípulo a Jesus<sup>891</sup>. Por outro lado, é enfatizada a culpa deliberada do homem apogado às trevas, como aquela afirmada em 3,19-20: "Este é o julgamento, a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque as suas obras eram más. Pois quem faz o mal odeia a luz e não vem para a luz, para que suas obras não sejam demonstradas como culpáveis"<sup>892</sup>.

Porém, a resposta joanina para o problema do mal é bem diferente daquela de Qumran. Enquanto em 1QS, o pecado é a desobediência à Lei de Deus (cf. 4,9-11); no Quarto Evangelho, pecado é a rejeição a Cristo (cf. 1,5.11;3,18; 8,24; 6,9). A fonte do mal em 1QS é externa e cósmica; em João, está dentro do homem mesmo<sup>893</sup>. Ao decidir-se pela fé ou pela desgraça, a pessoa escolhe ou sua verdadeira existência ou se fixa em sua existência nula<sup>894</sup>.

Na Regra da Comunidade, os filhos da justiça "andam por caminhos de luz": "Na mão do Príncipe das Luzes está o domínio sobre todos os filhos da justiça; eles andam por caminhos de luz (בְּדַרְכֵי אֱוֶר יְהוָה לְכוּ). E na mão do Anjo das trevas está todo o domínio sobre os filhos da falsidade; eles andam por caminhos de trevas" (3,20-21). Isto tem sido citado como um paralelismo com as expressões joaninas "andar de dia": "Se alguém caminha durante o dia (ἐάν τις περιπατῆ ἐν τῇ ἡμέρᾳ), não tropeça" (11,9) e "Caminhai, enquanto tendes a luz (περιπατεῖτε ἕως τὸ φῶς ἔχετε), para que a escuridão não vos apreenda" (12,35; cf. 8,12; 1Jo 1,7). No entanto, o uso do "caminhar" no Quarto Evangelho não está diretamente

<sup>890</sup>Cf. BROWN, R. E., *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles* in **CBQ** 17 (1955), p. 414-415. Na verdade, podemos perceber as duas tendências no pensamento de Qumran: o determinismo e a liberdade de decisão.

<sup>891</sup> Cf. LORENZO CAMARERO, *Dos Ejemplos de Formulación Cristológica Derásica: El Enviado de Dios y la Fuente de Agua Viva (Jn 7,28-29.37-39)* in **Estudios Bíblicos** 65 (2007), p. 99-100.

<sup>892</sup> Cf. LIEU, J. M., *Blindness in the Johannine Tradition* in **NTS** 34 (1988), p. 84.

<sup>893</sup> Cf. CHARLESWORTH, J. H., *A Critical Comparison of the Dualism In 1QS III,13 - IV and the "Dualism" Containe in the Fourth Gospel* in **NTS** 15 (1968), p. 412.

<sup>894</sup> Cf. BULTMANN, R., *Teologia do Novo Testamento*, p. 446.

conectado com a ética, mas antes está associado com o crer em Jesus e o saber para onde vai (cf. Jo 12,35-36)<sup>895</sup>. Quanto à noção do que conduz alguém ao domínio da luz, para a Regra da Comunidade é a aceitação da interpretação da Lei de Moisés tal como interpretada pela comunidade (cf. 1QS 3,13); e isto implicava um legalismo rigoroso. Para o Quarto Evangelho o que conduz o homem ao reino da luz é a fé em Jesus Cristo, a aceitação, pela fé, de Cristo como única e verdadeira luz do mundo (cf. Jo 8,12)<sup>896</sup>. Enquanto eles têm a luz, devem crer na luz, para se tornarem filhos da luz (cf. Jo 12,35-36)<sup>897</sup>.

A necessidade de se caminhar na luz é, portanto, a ênfase tanto na Regra da Comunidade como no Quarto Evangelho:

<p><b>Regra da Comunidade</b></p> <p>בְּנֵי צְדָק - יְתַהַלְכוּ - בְּדַרְכֵי אֱוֶר (3,20)</p> <p>caminhos de luz - andam - filhos da justiça</p>
--

<p><b>Quarto Evangelho</b></p> <p>περιπατεῖτε - ἕως τὸ φῶς ἔχετε - υἱοὶ φωτὸς (12,35-36)</p> <p>caminhai - enquanto tendes a luz - filhos da luz</p>
--

#### 4.4.2.

#### Os Filhos da Luz/Os Filhos das Trevas (1QS 1,9; 3,13.24-25; Jo 12,36)

A primeira consequência da concepção dualista é a "divisão" da humanidade em dois grupos completamente distintos um ao outro<sup>898</sup>. Numa perspectiva determinista, a Regra da Comunidade apresenta, de um lado, os "filhos da luz", chamados de "filhos da verdade", "filhos da justiça" e "homens de santidade"; todos eles são do partido de Deus. De outro lado, os "filhos das trevas", que são os "filhos da falsidade" ou os "filhos da perdição"; todos eles são "do partido de Belial" (cf. 1QS 3-4)<sup>899</sup>. Na estrutura de pensamento do Quarto Evangelho, há uma forma de linguagem semelhante: de um lado, os "filhos da luz" (12,35-36),

<sup>895</sup> Cf. TEEPLE, H., *Qumran and the Origin of the Fourth Gospel*, p.13-14.

<sup>896</sup> Cf. BROWN, R. E., *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles in CBQ* 17 (1955), p. 414. A condução dos homens para a "luz" também é tarefa de Paulo, assim vemos em At 26,18: "para lhes abrires os olhos e assim se converterem das trevas à luz, e da autoridade de Satanás para Deus".

<sup>897</sup> Cf. HUNTER, A. -M., *Saint Jean Témoin du Jésus de L'Histoire*, p. 37.

<sup>898</sup> Cf. BIANCHI, U., *Il dualismo come categoria storico-religiosa*, p. 3.

<sup>899</sup> Cf. MAY, H. G., *Cosmological Referente in the Qumran Doctrine of the Two Spirits and in Old Testament Imagery* in *JBL* 82 (1963), p. 4-6.

aqueles que são "da verdade" e são também "do alto" (3,3); todos eles são "de Deus" ou "filhos de Deus" (1,12). Por outro lado, encontramos "filho da perdição" (17,12), os filhos do diabo (cf. 8,44)<sup>900</sup>, os que são "de baixo" (8,23) ou "do mundo" (15,19)<sup>901</sup>. A expressão "filhos das trevas" não aparece nos escritos joaninos<sup>902</sup>. Os judeus a respeito dos quais é dito: "Vós que sois de baixo" (8,23), e que são tratados como filhos do diabo: "Vosso pai é o diabo" (8,44), são aqueles que, por meio da negação da fé, fixaram-se em seu pecado; deste modo, buscam realizar os desejos do diabo<sup>903</sup>.

A afirmação em 6,44 de que ninguém vai a Jesus a não ser se o Pai o atrair/puxar (ἐλκύσει) é seguida pela frase: "E serão todos (πάντες) ensinados por Deus. Todo (πᾶς) o que ouviu da parte do Pai e dele aprende vem a mim" (6,45b). Tais palavras mostram claramente que toda pessoa tem a possibilidade de deixar-se atrair pelo Pai, como também de resistir-lhe. O "atrair" do Pai se realiza na decisão, manifestando uma renúncia à autoafirmação própria. Disto se conclui que as afirmações tidas por "predestinacionistas" no Quarto Evangelho querem apenas explicar que a decisão da fé não é uma escolha entre possibilidades intramundanas que nascem de motivos igualmente intramundanos. Se a fé é a renúncia à autoafirmação, o crente não pode entendê-la como a obra de seu fazer intencional, e sim somente como a obra de Deus nele. Portanto, não é outro o sentido das palavras de Jesus: "Por isso vos afirmo que ninguém pode vir a mim, se isso não lhe for concedido pelo Pai" (6,65), "E a vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nada do que ele me deu" (6,39). Ao decidir-se pela fé ou pela desgraça, ou o homem escolhe sua verdadeira existência ou se fixa em sua existência nula, como explica Jesus: "Quem crê no Filho tem a vida eterna. Quem recusa crer no Filho não verá a vida" (3,36)<sup>904</sup>.

<sup>900</sup> Cf. CHARLESWORTH, J. H., *A Critical Comparison of the Dualism In IQS III,13 - IV and the "Dualism" Contained in the Fourth Gospel* in *NTS* 15 91968), p. 402-404. A expressão "filhos do diabo" aparece em 1Jo 3,10 e se aproxima mais da expressão qumrânica "filhos de Belial" (IQS 2,7-8).

<sup>901</sup> Cf. KONINGS, J., *Evangelho Segundo João*, p. 21.

<sup>902</sup> Cf. LAMADRID, A. G., *Los Descubrimientos del Mar Muerto*, p. 322.

<sup>903</sup> Cf. BULTMANN, R., *Teologia do Novo Testamento*, p. 455. Na Primeira Epístola de João, os filhos de Deus e os filhos do diabo podem ser distinguidos quando alguém pratica ou não a justiça e ama ou não o irmão (cf. 3,10).

<sup>904</sup> *Ibid.*, p. 452.

A expressão "filhos da luz" [בְּנֵי אֹרֶךְ (1QS 1,9; 3,13.24-25); e υἱοὶ φωτός (Jo 12,36)] aparece tanto da Regra da Comunidade como no Quarto Evangelho<sup>905</sup>. Como os homens estão "divididos" em duas categorias, sua maneira de agir não é senão a expressão de sua pertença a esses dois mundos diversos. Mas qual é a razão pela qual alguns estão no mundo da luz e não no mundo das trevas? Para a Regra da Comunidade de Qumran, a questão era, antes de tudo, uma predestinação: estavam convictos de que eles foram eleitos por Deus (cf. 1QS 1,3-4.9-10; 11,7), e essa eleição era vista por eles como uma manifestação da graça<sup>906</sup> divina. Os filhos das trevas eram, ao contrário, todos os reprovados por Deus, ou seja, o restante da humanidade<sup>907</sup>. A evidência da liberdade da decisão humana aparece no Quarto Evangelho com a amplitude e a universalidade do chamado de Cristo. Jesus se dirige a todos sem distinção: "quem escuta... e crê.." (5,24), "Quem vem a mim... o que crê..." (6,35), "Quem comer...", "Se alguém...aquele que..." (7,37); "Quem me segue..." (8,12)<sup>908</sup> O apelo vale para todos os que se encontram na cegueira das trevas; e todos são indagados se querem permanecer nessa situação. As palavras de Jesus são, portanto, um convite à decisão: "Em verdade, em verdade, vos digo: quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não vem a julgamento, mas passou da morte à vida" (5,24)<sup>909</sup>

Como os essênios de Qumran acreditavam que Deus havia dividido a humanidade em dois campos opostos e que os membros de sua comunidade eram os verdadeiros filhos da luz, tal ideia repercutia na vida concreta. Com certeza, o membro da comunidade não deveria retribuir a ninguém com o mal (cf. 1QS 10,17), nem se interessar pela violência (cf. 1QS 10,18-19). Antes, deveria desejar o bem (cf. 1QS 10,18). No entanto, isto nada mudava no ódio eterno contra todos os filhos da perdição (cf. 1QS 9,21-22), na ira contra os homens de maldade (cf. 1QS 10,19-20) e na falta de misericórdia para com os apóstatas (cf. 1QS 10,20-

<sup>905</sup> Cf. CHARLESWORTH, J. H., *A Critical Comparison of the Dualism in 1QS III,13 - IV and the "Dualism" Contained in the Fourth Gospel* in *NTS* 15 (1968).

<sup>906</sup> Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo I*, p.56-57.87. A doutrina da eleição pela graça só ocorre no NT nas epístolas que levam o nome de Paulo. O termo ἔλεος ("piedade", "compaixão") não é usado por João; χάρις ("graça") ocorre apenas no Prólogo.

<sup>907</sup> Cf. VÁZQUEZ ALLEGUE, J., *Los Hijos de la Luz y los Hijos de las Tinieblas*, p 316-31.

<sup>908</sup> Cf. CASABÓ, J. M., *La Teología Moral en San Juan*, p. 123.

<sup>909</sup> Cf. ROOSE, H., *Joh 20,30f.: Ein (um) passender Schluss? Joh 9 und 11 als primäre Verweisstellen der Schlussnotiz des Johannesevangeliums* in *Bib* 84 (2003), p. 330.

21)<sup>910</sup>. Eles tinham que se separar o máximo possível daqueles que não pertenciam à sua comunidade<sup>911</sup>. Quanto a isso, a Regra da Comunidade lembra:

"Esta é a regra para os homens da comunidade que se oferecem voluntariamente para converter-se de todo mal e para manter-se firmes em tudo o que ordena segundo a sua vontade. Que se separem da congregação dos homens de iniquidade para formar uma comunidade na lei e nos bens ..." (1QS 5,1-2)<sup>912</sup>.

O separatismo econômico extremo dos homens de Qumran estava assim enraizado no aspecto ritual de sua vida diária. Sua pureza ritual específica não permitia que eles entrassem em contato com a riqueza impura do mundo exterior, pois acreditavam que a pessoa se tornava impura não apenas em contato com objetos e pessoas impuras, mas também que o pecado poluía ritualmente<sup>913</sup>.

"E que ninguém se junte a ele em seu trabalho ou em seus bens para que não o carregue de pecado culpável; mas que se mantenha distante dele em todo assunto (...) Que ninguém coma de nenhum de seus bens, nem beba, nem tome nada de suas mãos (...) Pois todos aqueles que não são contados em sua aliança serão separados, eles e tudo o que lhes pertence". (1QS 5,14-20)<sup>914</sup>.

De certa forma, o princípio de separação aparece acentuado no Quarto Evangelho, pois assim se expressa Jesus a seus discípulos: "Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo e minha escolha vos separou do mundo, o mundo, por isso, vos odeia" (Jo 15,19). O crente é um "separado" do mundo. Contudo, o evangelho joanino se diferencia da Regra da Comunidade em um ponto bem preciso: é bem verdade que os fiéis não são do mundo, no entanto, eles devem, sem dúvida, permanecer no mundo, como Jesus diz claramente na oração sacerdotal: "... porque não são do mundo, como eu não sou do mundo. Não peço que os tireis do mundo, mas que os guardes do Maligno" (Jo 17,14-15). Isto significa que, qualitativamente, eles não são do mundo, visto que estão animados pelo Espírito de verdade, e não pelo Mal; porém, não é necessário que eles abandonem o mundo, devem, pois, seguir vivendo no mundo, em meio aos homens de iniquidade, expostos às perseguições. É provável mesmo que a frase: "Não peço que os tireis do mundo, mas que os guardes do Maligno"

<sup>910</sup> Cf. JEREMIAS, J., *Teologia do Novo Testamento*, p. 264.

<sup>911</sup> Cf. HOGETERP, A. C. A., *The Eschatology of the Two Spirits Treatise Revisited* in **RQ** 90 (2007), p. 247-248.

<sup>912</sup> GARCÍA MARTÍNEZ, F., *Textos de Qumran*, p. 51.

<sup>913</sup> Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo I*, p. 177.

<sup>914</sup> Cf. GARCÍA MARTÍNEZ, F., op. cit., p. 51-52.

seja uma reação contra a tendência de Qumran de fechar em si mesmo, afastando-se do mundo<sup>915</sup>.

Além desses aspectos, o que está na base da formação de um membro do grupo de Qumran e, portanto, de um filho da luz, é a rigorosa observância da Torá e do regulamento da comunidade, que também é derivado da interpretação da Torá<sup>916</sup>. A tentativa da comunidade de Qumran de ser uma instituição formada por homens santos foi destinada à falência pelo fato de que estava muito baseada na Lei e nas obras. Na verdade, o orgulho e a presunção eram uma constante tentação<sup>917</sup>. Para o Quarto Evangelho, o discipulado diz respeito à fé no Filho de Deus, que supõe um compromisso com ele<sup>918</sup>. De fato, os homens bons são atraídos à luz de Cristo: "Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se manifeste que suas obras são feitas em Deus" (cf. Jo 3,21); de modo que o homem precisa acreditar na luz para se tornar um "filho da luz", como o evangelho assim exorta: "Enquanto tendes a luz, crede na luz, para tornardes um filho da luz" (Jo 12,36; cf. 8,12). E do acolhimento do amor resulta o compromisso de amar. Isto significa que os discípulos de Jesus precisam ainda cumprir o mandamento do amor: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros" (Jo 13,34-15)<sup>919</sup>. No momento da acolhida da fé já foi tomada a decisão antecipada de amar. O ἀλλήλους ἀγαπᾶν ("amar uns aos outros"; cf. 15,17), enquanto a lei do círculo de discípulos de Jesus, não anula ou restringe o mandamento cristão do amor ao próximo, pois este

<sup>915</sup> Cf. BOISMARD, M., *La Literatura de Qumran y los Escritos de San Juan* in **CuBi** 12 (1955), p. 261.

<sup>916</sup> Cf. PUECH, É., *Les Manuscrits de la Mer Morte et le Nouveau Testament* in **Estudios Bíblicos** 54 (2006), p. 355.

<sup>917</sup> Cf. PRYKE, J., "*Spirit*" and "*Flesh*" in the *Qumran Documents and some New Testament Texts* in **RQ** 19 (1965), p. 347.

<sup>918</sup> Cf. MARSH, J., *The Gospel of St. John*, p. 38.

<sup>919</sup> Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*, p.220. Neste aspecto do amor, Flusser chama a atenção para o fato de que havia certos círculos farisaicos, os chamados "fariseus do amor", que não compartilhavam com a corrente farisaica majoritária o desprezo e o ódio para com as pessoas, assim como não aceitavam a doutrina essencial do ódio. Como o Deus de Israel era também Rei de toda a humanidade, era lógico que esses círculos farisaicos desenvolvessem a ideia do amor mútuo entre os homens. Essa abordagem foi aceita e desenvolvida por Jesus. Tal ideia está em forte contraste com a ideologia do ódio dos essênios, que desenvolveram uma eclesiologia separatista, segundo a qual não há salvação fora da comunidade essênica, nem mesmo para os judeus. Por outro lado, Flusser admite ser possível também que as doutrinas de Jesus sobre as questões do amor derivassem de círculos semi-essênios influenciados também pelos "fariseus do amor". Nestes círculos teria sido composto, entre outros livros, o Testamento dos Doze Patriarcas. Esta obra, sobretudo o Testamento de Benjamim (cf. Tes. Benj. 4,2-3; 5,4-5), que estava impregnada de essênismo, aceitava dos fariseus a ideia do amor mútuo.

grupo de discípulos não é um grupo fechado, e sim a comunidade escatológica chamada a μαρτυρεῖν ("testemunhar"): "E vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio" (15,27). Para o mundo existe constantemente a possibilidade de ser incluído no círculo dos que "amam uns aos outros"<sup>920</sup>. Portanto, não são as boas ações que constituem alguém ser um "filho da luz". Todavia, as obrigações do cristão de realizar boas obras continuam mantidas<sup>921</sup>. Neste aspecto, tanto a Regra da Comunidade como evangelho de João insistem que os "filhos da luz" devem viver virtuosamente<sup>922</sup>. Convém ainda ressaltar que ambas as literaturas chamam a atenção para o fato de que a recompensa dos "filhos da luz" é a vida eterna<sup>923</sup>.

A comunidade de Qumran afirmava que seus membros são os únicos herdeiros da "Nova Aliança", o "verdadeiro Israel", o "Israel que anda na perfeição" (CD 6,19; 8,21; 20,12; 1QH 2,3). O separatismo de Qumran levou a uma intensificação ou modificação da austeridade da *halaká*, conduzindo à revelação de leis especiais: "Deus estabeleceu Sua aliança com Israel até a eternidade, revelando-lhes coisas ocultas em relação à quais todo Israel errou..." (CD 3,12-13). Porém, a insistência na validade das leis desta Nova Aliança levou a uma rejeição dos outros judeus, que não interpretavam a Lei de acordo com a Nova Aliança: "Pois são vaidades todos aqueles que não conhecem sua aliança. E a todos os que desprezam a sua palavra os fará desaparecer do orbe" (1QS 5,19)<sup>924</sup>. O cristianismo também se distingue do judaísmo pela convicção de pertencer à Nova Aliança, ao Novo Israel. Tendo sua origem na profecia de Jeremias (cf. 31,31-31), de conteúdo escatológico, a Nova Aliança apresenta como ponto essencial ser diferente da antiga Aliança anulada. Claro que nem Qumran, nem o cristianismo deram uma interpretação literal à parte da profecia que diz que a Nova Aliança será feita "com a casa de Israel e com a casa de Judá".

<sup>920</sup> Cf. BULTMANN, R., *Teologia do Novo Testamento*, p. 519. Ao que parece, as sentenças de 1Jo sobre o amor fraterno de modo algum se referem somente aos irmãos cristãos (cf. 1Jo 3,17).

<sup>921</sup> Cf. BROWN, R. E., *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles in CBQ* 17 (1955), p.563. Neste ponto, vemos que 1Jo insiste nas virtudes, enfatizando a caridade: "Aquele que diz que está na luz, mas odeia o seu irmão, está nas trevas até agora. O que ama o seu irmão permanece na luz, e nele não há ocasião de queda" (1 Jo 2,9-10); e ainda: "Mas se caminhamos na luz como ele está na luz, estamos em comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1Jo 1,7).

<sup>922</sup> Ibid., p.416-418.

<sup>923</sup> Cf. CHARLESWORTH, J. H., *A Critical Comparison of the Dualism In 1QS III,13 - IV and The "Dualism" Containe in the Fourth Gospel in NTS* 15 91968), p. 414.

<sup>924</sup> Cf. HARRINGTON, H. K., *The Halakah and Religion of Qumran*, p. 81.

Para eles, a expressão não poderia significar todo o povo judeu, mas o "verdadeiro Israel"<sup>925</sup>. Para o Quarto Evangelho, o único Israel verdadeiro é aquele que reconhece Jesus como o Messias; e ser um verdadeiro judeu é tornar-se cristão, pois não há nada em Jesus estranho ao judaísmo perfeitamente compreendido. Para o judaísmo, isto seria um "renascer" (Jo 3,3). Na verdade, o contraste, na teologia joanina, é entre luz e trevas, e não necessariamente entre judeus e gentios; ou ainda como judeus e gentios podem tornar-se um (cf. Jo 15). Já o Prólogo afirma que a todo o que crê em Jesus é dado o poder de tornar-se filho de Deus (cf. 1,12). Cabe destacar, no entanto, que, no Quarto Evangelho, as tensões dentro do judaísmo nunca são tidas simplesmente como superficiais<sup>926</sup>.

#### 4.4.3.

#### Os Anjos de Luz/ Os Anjos das Trevas (1QS 3,20-21; Jo 3,35; 8,12)

A concepção do mundo como dividido em dois campos de "luz" e "trevas", organizados sob a liderança de figuras misteriosas, aparece tanto na Regra da Comunidade como no Quarto Evangelho<sup>927</sup>. Vemos então que, na Regra, os líderes são os dois anjos da luz e das trevas: o Príncipe das luzes, que se chama também Anjo da Verdade, é o advogado do bem; o Anjo das trevas é chamado também de Belial<sup>928</sup>. No Quarto Evangelho, o líder do mal é o "Príncipe deste mundo", Satanás ou Diabo, o Mal por excelência. É possível também constatar que o Príncipe das luzes ou o Anjo da verdade exposto na Regra da Comunidade corresponde ao que o evangelho joanino chama de Luz e Verdade por excelência, ou seja, a Cristo, conforme as palavras do evangelho: "Outra vez, então, falou-lhes Jesus dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue jamais caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida" (Jo 8,12). Cabe ressaltar, no entanto, que o líder da luz é a própria Palavra incriada<sup>929</sup>.

<sup>925</sup> Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo I*, p. 64-65.

<sup>926</sup> Cf. ROBINSON, J. A. T., *The Destination and Purpose of the Johannine Epistles* in *NTS* 7 (1960-61), p. 122-125.

<sup>927</sup> Cf. BOISMARD, M. E., *La Literatura de Qumran y los Escritos de San Juan* in *CuBi* 12 (1955), p. 253-254.

<sup>928</sup> Cf. PRYKE, J., *"Spirit" and "Flesh" in the Qumran Documents and some New Testament Texts* in *RQ* 19 (1965), p. 350.

<sup>929</sup> Cf. GÓMEZ, I., *Qumran y el Nuevo Testamento* in *NT* 1 (1970), p.26.

Na Regra da Comunidade, os dois anjos receberam o domínio sobre os homens: o Anjo da luz sobre os filhos da luz e o Anjo das trevas sobre os filhos das trevas:

"Na mão do Príncipe das Luzes está o domínio sobre todos os filhos da justiça; eles andam por caminhos de luz. E na mão do Anjo das trevas está todo o domínio sobre os filhos da falsidade; eles andam por caminhos de trevas" (1QS 3,20-21)<sup>930</sup>.

Isto significa que se os filhos da luz fazem o bem, é porque eles estão sob o domínio do Anjo das luzes. Ao contrário, se os filhos da iniquidade fazem o mal, é porque vivem sob a influência do Anjo das trevas. Disto se deduz que a atuação dos homens, boa ou má, deve-se à influência, igualmente boa ou má, do Anjo das luzes ou do Anjo das trevas<sup>931</sup>. A mesma ideia, com um tom determinista aparente, porém mais destacado, encontra-se no Quarto Evangelho. Jesus afirma que o Pai lhe deu poder sobre todo homem (cf. Jo 17,2) e pôs todas as coisas em suas mãos (cf. 3,35; 13,3). Por outra parte, o pensamento joanino chama Satanás de "Príncipe deste mundo" (Jo 12,31; 14,30; 16,11; cf. 1 Jo 5,19), expressando implicitamente a ideia de que Satanás domina este mundo. Este domínio se traduz por uma sedução dos homens para o pecado (cf. 1Jo 3,8.10). Portanto, a Regra da Comunidade e o Quarto Evangelho concordam que os homens agem bem ou mal, marcham por caminhos de luz ou por caminhos de trevas, segundo vivem influenciados pelo Anjo de luz ou pelo Anjo das trevas, por Jesus ou pelo Diabo<sup>932</sup>. A ideia de Cristo, como a "luz do mundo", exposta no Quarto Evangelho (cf. Jo 8,12), seria uma expressão desenvolvida a partir do "Anjo de luz", criado, da Regra da Comunidade<sup>933</sup>.

#### 4.4.4.

#### **Os Espíritos da Luz/Os Espíritos das Trevas (1QS 3,17-20; 4,15-16.20-22; Jo 3,3.5.8)**

<sup>930</sup> GARCÍA MARTÍNEZ, F., *Textos de Qumran*, p. 49.

<sup>931</sup> Cf. PRYKE, J., "Spirit" and "Flesh" in the *Qumran Documents and some New Testament Texts* in **RQ 19** (1965), p. 350-355.

<sup>932</sup> Cf. BOISMARD, M. E., *La Literatura de Qumran y los Escritos de San Juan* in **CuBi 12** (1955), p. 253-254.

<sup>933</sup> Cf. BROWN, R. E., *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles* in **CBQ 17** (1955), p. 410.

A Instrução aos filhos da luz, na Regra da Comunidade, ensina que "Deus criou o homem para dominar o mundo, e pôs nele os espíritos, para que caminhe por eles até o tempo de sua visita: são os espíritos da verdade e da falsidade" (1QS 3,17-20); e "criou os espíritos de luz e de trevas" (בְּרָא רוּחֹת אֹרֶךְ וְרוּחֵי חֹשֶׁךְ) (3,25)<sup>934</sup>. Enquanto os dois anjos aparecem como dois personagens autônomos, os dois espíritos não parecem ter realidade própria independentemente do homem. Um, o espírito da verdade, permite ao homem andar pelos caminhos da luz e da verdade, cumprindo o que é agradável a Deus; o outro, o "espírito da falsidade" (1QS 11,1), também chamado de "espírito de maldade" (1QS 5,26), "espírito da apostasia" (1QS 8,12) e "espírito da fornicação" (1QS 4,22)<sup>935</sup>, extravia o homem, fazendo-o caminhar por sendas tenebrosas e agir de modo desagradável ao Senhor (cf. 1QS 4,15-16)<sup>936</sup>. Os dois espíritos aparecem, assim, como dois princípios dinâmicos postos por Deus no coração do homem. Segundo o homem siga os impulsos de um ou outro espírito, ele anda por caminhos de luz ou trevas<sup>937</sup>. Porém, se, num primeiro momento, o "espírito da verdade" e o "espírito da falsidade" parecem corresponder ao impulso para a bondade e ao impulso para o mal, em seguida é estabelecida uma conexão entre esses dois espíritos e o Príncipe da Luz e o Anjo das Trevas, respectivamente<sup>938</sup>. Mediante o estudo da Torá, a observância da Lei e os ritos de purificação, o espírito da verdade ou de santidade se consolida no filho da luz, para, finalmente, na consumação escatológica apagar nele todo espírito de perversidade e conduzi-lo à perfeição e à plenitude da glória (1QS 4,20-23)<sup>939</sup>. Entre os deveres dos iluminados membros de Qumran, estava o dever de separar e pesar os filhos de Sadoc segundo os seus espíritos, e reforçar os eleitos, fazendo juízo de cada homem de acordo com o seu espírito, a pureza de suas mãos e segundo sua inteligência (cf. 1QS 9,14-16)<sup>940</sup>.

<sup>934</sup> Cf. HEMPEL, C., *The Community and its Rival According to the Community Rule from Caves 1 and 4* in **RQ 81** (2003), p. 77-78.

<sup>935</sup> Cf. PRYKE, J., "Spirit" and "Flesh" in the *Qumran Documents and some New Testament Texts* in **RQ 19** (1965), p. 355.

<sup>936</sup> Cf. MAY, H. G., *Cosmological Reference in the Qumran Doctrine of the Two Spirits and in Old Testament Imagery* in **JBL 82** (1963), p. 4.

<sup>937</sup> Cf. HOGETERP, A. C. A., *The Eschatology of the Two Spirits Treatise Revisited* in **RQ 90** (2007), p. 247-248.

<sup>938</sup> Cf. PAINTER, I., *The Quest for the Messiah*, p. 39-40.

<sup>939</sup> Cf. WERNBERG-MOLLER, P., *A Reconsideration on the Two Spirits in the Rule of the Community (1Qserek III, 13-IV,26)* in **RQ 11** (1961), p. 422.

<sup>940</sup> Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo I*, p. 72-73.92. Não há conhecimento de técnicas sociais semelhantes entre os cristãos, não obstante Paulo fale sobre o "discernimento dos espíritos" entre os dons espirituais (cf. 1Cor 12,10). A frase também pode ser

No Quarto Evangelho não se encontra uma oposição entre os espíritos da verdade e o da falsidade ou sedução<sup>941</sup>. Por três vezes, ele personifica "o espírito da verdade" (τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας), identificando-o com o Espírito Santo<sup>942</sup>: "e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece" (Jo 14,16-17); "Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, dará testemunho de mim" (15,26); "Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos guiará na verdade plena" (16,13). Mas, o "Espírito da verdade" não está diretamente associado à "luz". Por sua parte, a Regra a Comunidade apresenta: "Derramará sobre ele (o homem) o espírito da verdade (רוּחַ אֱמֶת) como águas lustrais [para purificá-lo] de todas as abominações de falsidade e da contaminação do espírito impuro" (4,21-22). Tanto 1QS 4,21 como o Quarto Evangelho falam sobre a concessão do Espírito aos eleitos no fim dos tempos. É este Espírito que os torna diferentes das outras pessoas<sup>943</sup>. Embora não haja referência explícita sobre um "espírito de falsidade" no evangelho, podemos perceber que ὁ κόσμος, em Jo 12,31, tende a ter a mesma função do "espírito de falsidade" qumrânico: "É agora o julgamento deste mundo, agora o príncipe deste mundo será lançado abaixo"<sup>944</sup>.

A Regra da Comunidade declara que os dois espíritos, do bem e do mal, foram criados por Deus (cf. 1QS 3,25); o espírito mau, o espírito de iniquidade, emana de Deus (cf 1QS 3,17). No Quarto Evangelho, no entanto, não há nenhuma declaração similar, já que o líder das forças da "luz" é a Palavra incriada mesma; e espírito mau, demônio ou Satanás, não é caracterizado com a exata terminologia

---

compreendida como uma referência a um exame das formas de expressão dos espíritos, ou seja, das profecias (cf. 1Jo 4,1; 1Ts 5,19; 1Cor 14,29). Estas passagens do NT parecem falar sobre a distinção do espírito bom do espírito do erro.

<sup>941</sup> Cf. BOISMARD, M. E., *La Literatura de Qumran y los Escritos de San Juan* in **CuBi 12** (1955), p.256. O desenvolvimento de um tema análogo ao dos dois espíritos da Regra da Comunidade aparece em 1Jo 4,1-6, onde dois espíritos habitam o homem e vêm a ser como dois princípios dinâmicos que lhes permitem fazer o que é bom aos olhos de Deus ou aquilo que é mau. Graças ao espírito da verdade, o homem pode crer em Jesus; e é pelo espírito de sedução que o homem se recusa a crer nele. É por esta doutrina sobre os dois espíritos, de verdade e de falsidade ou iniquidade, que aparece enxertada num contexto dualista de luz e trevas, que 1Jo permanece claramente na linha do pensamento qumrânico.

<sup>942</sup> Cf. TEEPLE, H., *Qumran and the Origin of the Fourth Gospel*, p.13.

<sup>943</sup> Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo I*, p. 72.92. Neste sentido, ver 1Cor 2,12.

<sup>944</sup> Cf. CHARLESWORTH, J. H., *A Critical Comparison of the Dualism In 1QS III,13 - IV and the "Dualism" Containe in the Fourth Gospel* in **NTS 15** (1968), p. 413-414.

usada na Regra, que utiliza a expressão "espírito das forças das trevas"<sup>945</sup>. O espírito de sedução tem sua origem no anticristo, quer dizer, no Diabo, que pretende extraviar os fiéis, afastando-os na verdadeira fé. Por outro lado, o espírito da verdade tem sua origem no Bem<sup>946</sup>, e conduz os homens à vida divina: "O Espírito (τὸ πνεῦμα) é o que vivifica, a carne não ajuda nada; as palavras que vos falei são espírito (πνευμά) e são vida (ζωή)" (6,63). Aquele que crê em Jesus, já recebeu a doação escatológica do Espírito (cf. 3,5.8; 7,39)<sup>947</sup>.

O dualismo presente no evangelho de João envolve ainda a crença no mundo espiritual "de cima" e um mundo mau "embaixo" (cf. 1,51; 3,13.31; 6,41.50-21.58.62)<sup>948</sup>. Há, portanto, semelhanças entre os "dois mundos" do Quarto Evangelho e os "dois espíritos" da Regra da Comunidade, uma vez que tanto o "mundo de cima" joanino como o "espírito da verdade" qumrânico são caracterizados pela "luz" e pela "verdade". O "mundo de baixo", em certo ponto semelhante ao "espírito de falsidade", também é caracterizado pelas trevas e pela falsidade. Na Regra da Comunidade, espírito da verdade e o espírito do erro são, respectivamente, "luz" e "trevas" (cf. 1QS 3); no Quarto Evangelho, "luz" e "trevas" são Cristo e o mundo, respectivamente (cf. Jo 1,5; 3,19)<sup>949</sup>.

O paralelo quanto aos espíritos/mundos entre a Regra da Comunidade e o Quarto Evangelho pode então ser percebido da seguinte maneira:

<b>Regra da Comunidade</b>	<b>Quarto Evangelho</b>
Espírito da verdade	Espírito da Verdade Espírito Santo
Guia na luz	Mundo de cima/luz
Espírito da falsidade	O mundo
Guia nas trevas	Mundo de baixo/trevas

<sup>945</sup> Cf. BROWN, R. E., *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles* in **CBQ** 17 (1955), p. 408-410. O "poder das trevas" usado por Lucas (Lc 22,53) e "Beliar", por Paulo (2Cor 11,14-15) são terminologias mais próximas de Qumran, neste ponto, do que as usadas por João.

<sup>946</sup> Cf. BOISMARD, M. E., *La Literatura de Qumran y los Escritos de San Juan* in **CuBi** 12 (1955), p.256.

<sup>947</sup> Cf. FLUSSER, D., *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo I*, p. 72-73.

<sup>948</sup> Cf. KONINGS, J., *Evangelho Segundo João*, p. 21.

<sup>949</sup> Cf. CHARLESWORTH, J. H., *A Critical Comparison Of the Dualism In 1QS III,13 - IV and the "Dualism" Contained in the Fourth Gospel* in **NTS** 15 (1968), p.413-414.

#### 4.4.5.

#### O Conflito entre a Luz e as Trevas (1QS 2,19; 3,22.24; Jo 1,5; 12,31)

Do ponto de vista da Regra da Comunidade, a história é um conflito entre o bem, representado pela luz, e o mal, representado pelas trevas<sup>950</sup>. Portanto, o conflito entre justos e maus era visto na perspectiva de um conflito entre justiça e maldade, entre o Anjo da luz e o Anjo das trevas, entre o espírito da verdade e o espírito da falsidade, entre Miguel e Belial. Esse conflito teve início na criação e culminará na guerra escatológica dos filhos da luz contra os filhos das trevas<sup>951</sup>. A Regra da Comunidade explica que o Anjo das trevas pretende extraviar os filhos da luz e levá-los por caminhos de trevas: "Por causa do Anjo das trevas se extraviam todos os filhos da justiça, e todos os seus pecados, suas iniquidades, suas faltas e suas obras rebeldes estão sob o seu domínio" (3,22); mas Deus tem disposto em favor dos filhos da luz o Anjo da verdade que os protegerá para que não sucumbam na luta que enfrentarão contra as seduções do Anjo das trevas: "Porém o Deus de Israel e o Anjo de sua verdade ajudam todos os filhos da luz" (3,24). Está claro que o conceito de impulso para o bem ou para o mal está relacionado com a noção de que, oposta a Deus, está a figura de Belial e seu exército de espíritos, representando o mal na existência humana<sup>952</sup>.

É também no terreno da luta moral onde se situa, no Quarto Evangelho, o conflito entre Cristo e o "Príncipe desde mundo" (Jo 12,31; 14,30; 16,11), ou seja, o conflito entre as "forças de luz e de trevas" (Jo 1,5), cada um com seu mestre próprio<sup>953</sup>. O conflito se desenrola a partir do fato de que a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz porque suas obras eram más<sup>954</sup>. O evangelho inteiro é um grande processo. O julgamento de Jesus diante do sinédrio narrado nos sinóticos parece realizar-se, no evangelho joanino, através de toda a vida pública de Jesus. O Pai, o Espírito, João Batista, a multidão, o próprio Jesus... dão testemunho da autenticidade da missão de Cristo. Mas os judeus se negam a admitir tais testemunhos. Eles são a expressão histórica concretizada e

<sup>950</sup> Cf. SHANKS H., *The Mystery and Meaning of the Dead Sea Scrolls*, p. 76.

<sup>951</sup> Cf. MAY, H., *Cosmological Reference in the Qumran Doctrine of the Two Spirits and in Old Testament Imagery* in **JBL** 82 (1963), p. 6.

<sup>952</sup> Cf. HOGETERP, A. C. A., *The Eschatology of the Two Spirits Treatise Revisited* in **RQ** 90 (2007), p. 247-248.

<sup>953</sup> Cf. BROWN, R. E., *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles* in **CBQ** 17 (1955), p. 410.

<sup>954</sup> Cf. SCHULZ, S., *Das Evangelium nach Johannes*, p. 62.

representativa de um auditório mais vasto que também julga Jesus: o mundo. Podemos perceber isto através do campo semântico do evangelho joanino, onde há uma multiplicidade de termos jurídicos no vocabulário, como testemunho, juízo, advogado, acusar, acusador...<sup>955</sup>. Mas os seguidores de Cristo não devem temer os opositores, pois possuem a "luz da vida", que o livra da escravidão do pecado e de Satanás. Porém, enquanto os membros de Qumran nutriam um ódio eterno aos infiéis, inimigos de Deus, e aguardavam com ansiedade o dia da guerra escatológica de vingança contra os filhos das trevas (cf. 1QS 1,4.10; 9,21-22; porém, ver 1QS 10,18; 11,1), quando conquistariam Jerusalém e o mundo, numa perspectiva política e nacionalista<sup>956</sup>, o evangelho joanino claramente afirma que a aversão do cristão deve ser pelo mal como representado no mundo e não pelas pessoas que fazem o mal. Além disso, não há uma perspectiva política nacionalista a ser defendida diante dos infiéis na mensagem apresentada no Quarto Evangelho<sup>957</sup>.

De acordo com o pensamento exposto na Regra da Comunidade, existe uma esfera de domínio ou uma vasta atividade cósmica do maligno, por cujos caminhos seguem certos homens: "estabelecerão uma aliança diante de Deus para cumprir tudo o que ordena e fará não apartar-se de seu seguimento por nenhum medo, terror ou aflição, que suceda durante o domínio de Belial" (1,17-18); e ainda: "Assim farão, ano após ano, todos os dias do domínio de Belial" (1QS 2,19). A mesma ideia se percebe na Regra da Guerra: "Em todas as nossas gerações fizeste cair tuas graças para o res[to de teu povo] durante o império de Belial" (14,9); e, "Todos os que [estão preparados] para a guerra irão e acamparão defronte ao rei dos *kitim* e defronte a todo o exército de Belial" (11QM 15,2-3)<sup>958</sup>. O que se verifica no Quarto Evangelho é que o conflito é passageiro, pois com a morte de Jesus na cruz, a vitória já está decidida: é quebrado o domínio de Satanás, do "Príncipe deste mundo". Juntamente com a expulsão do líder do mal e o juízo contra ele, são julgados também os incrédulos culpados:

"E quando ele vier, estabelecerá a culpabilidade deste mundo a respeito do pecado, da justiça, e do julgamento: do pecado, porque não crêem em mim;

<sup>955</sup> Cf. CASABÓ, J. M., *La Teología Moral en San Juan*, p. 177.

<sup>956</sup> Cf. HEMPEL, C. *The Community and its Rival According to the Community Rule from Caves 1 and 4* in **RQ 81** (2003), p. 77-78.

<sup>957</sup> Cf. BOISMARD, M., *La Literatura de Qumran y los Escritos de San Juan* in **CuBi 12** (1955), p. 261.

<sup>958</sup> Cf. DUHAIME, J., *L'Instruction sur les Deux Esprits et les Interpolations Dualistes a Qumrân (1QS3, 13-4,26)*, **RB 84** (1977), p. 576.

da justiça, porque vou para o Pai e não mais me vereis; do julgamento porque o Príncipe deste mundo está julgado" (Jo 16,8-11)<sup>959</sup>.

#### 4.4.6.

#### A Vitória Escatológica da Luz (1QS 4,18-21; Jo 12,31-32.48)

Um otimismo profundo e constante se manifesta tanto na Regra da Comunidade como no Quarto Evangelho, uma vez que declaram a vitória escatológica da luz<sup>960</sup>: virá um dia em que a luz triunfará definitivamente sobre as trevas<sup>961</sup>. Por seu lado, afirma a Regra da Comunidade:

"Deus, nos mistérios de seu conhecimento e na sabedoria de sua glória, fixou um fim para a existência da injustiça, e no tempo de sua visita a destruirá para sempre. Então a verdade se levantará para sempre no mundo que se contaminou em caminhos de maldade durante o domínio da injustiça, até o momento decretado para o juízo. Então purificará Deus com sua verdade todas as obras do homem, e refinará para si a estrutura do homem arrancando todo espírito de injustiça do interior de sua carne, e purificando-o com o espírito de santidade de toda ação ímpia". (1QS 4, 18-21)<sup>962</sup>.

Para as pessoas de Qumran, a efusão do Espírito acontecerá apenas no início da nova era e da nova criação. Considerando a si mesmos o Israel do fim dos tempos, eles se mantinham ainda numa atitude de preparação intensa, e não só pressentiam a iminência dos últimos tempos, como se consideravam já, de alguma forma, na posse inicial dos bens escatológicos: "porém ele derramou sobre nós a sua graça misericordiosa para todo o sempre" (1QS 2,1)<sup>963</sup>. Além disso, consideravam-se como um santuário no qual habitava Deus, ou seja, o cenário da

<sup>959</sup> Cf. SANDNES, K. O., *Whence and Whither. A Narrative Perspective on Birth ἄνωθεν* (John 3,3-8) in **Bib 86** (2005), p. 169.

<sup>960</sup> Cf. BOISMARD, M. E., *La Literatura de Qumran y los Escritos de San Juan* in **CuBi 12** (1955), p.257-258. A Regra também anuncia a grande vitória escatológica da verdade sobre a falsidade ou iniquidade. A mesma ideia, de que os homens serão purificados, no final dos tempos, de sua iniquidade pela verdade de Deus, é encontrada na oração sacerdotal de Jesus, que pede ao Pai em favor de seus discípulos: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é verdade...". (Jo 17,17-19). Mais significativo, todavia, é o debate de Jesus com os judeus, no capítulo 8: Disse Jesus: "Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8,31-32). A verdade tem por objeto libertar o homem da escravidão de Satanás e capacitá-lo a não pecar mais. O tema é fundamentalmente o mesmo daquele apresentado na Regra da Comunidade.

<sup>961</sup> Cf. PUECH, É., *La Conception de La Vie Future dans le Livre de la Sagesse et les Manuscrits de la Mer Morte* in **RQ 82** (2003), p. 229-230; SANDNES, K. O., *Whence and Whither. A Narrative Perspective on Birth ἄνωθεν* (John 3,3-8) in **Bib 86** (2005), p. 169-170.

<sup>962</sup> GARCÍA MARTÍNEZ, F., *Textos de Qumran*, p. 49.

<sup>963</sup> Cf. CARMIGNAC, J., *La notion d'eschatologie dans la Bible et à Qumran* in **RQ 7** (1969), p. 23.

ação salvífica de Deus. A entrada do membro na comunidade significava entrar em comunhão com Deus, com os anjos e assim participar por antecipação dos bens escatológicos<sup>964</sup>. No contexto da Regra da Comunidade, essa tensão entre o que se pode dizer "já" (11,2-9a) e o "ainda não" (11,9b-11) reflete o dualismo presente nas colunas 1-4<sup>965</sup>.

No NT, o anúncio da efusão do Espírito já se realizou em Pentecostes (cf. At 2). Segundo o Quarto Evangelho, a efusão continuará: "e rogarei ao Pai e ele dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre"<sup>966</sup>. A diferença entre o tempo da luta e tempo depois do período salvífico, como aparece na Regra: "Até agora os espíritos de verdade e de injustiça disputam no coração do homem..." (4,23), não aparece no Quarto Evangelho, pois o conflito se resolve com a vitória sobre Satanás e sua expulsão; é agora o julgamento do "príncipe deste mundo", que é "lançado abaixo" (12,31) e depojado de seu poder pela "elevação" (12,32) de Jesus na hora escatológica que já começa<sup>967</sup>. A renovação tão profunda do homem e do mundo que o reino inaugurado por Jesus apresenta, a participação tão plena e tão real desde já dos bens escatológicos, a abertura e a universalidade do Evangelho... são desconhecidos na teologia de Qumran. Daí que o acontecimento cristão é de uma amplitude, de uma profundidade e de um realismo tais que não se encontram naqueles homens do deserto. Neste aspecto, um paralelismo com Qumran se dá apenas enquanto a comunidade se considerava como o lugar da presença e da ação divinas, mas, ao estar apoiada sobre a cristologia, esta autoconcepção da Igreja primitiva se coloca logicamente em uma perspectiva distinta da dos essênios<sup>968</sup>.

O Quarto Evangelho declara que já estão presentes muitos bens escatológicos, precisamente aqueles esperados pelos membros da comunidade de Qumran: a) o juízo e a decisão da salvação já estão acontecendo: "Quem nele crê não é julgado; mas quem não crê, já está julgado, porque não creu no Nome do Filho único de Deus. Este é o julgamento: a luz veio ao mundo mas os homens preferiram as trevas à luz" (3,18-19; cf. 12,46-48); b) a ressurreição já foi

<sup>964</sup> Cf. LAMADRID, A. G., *Los Descubrimientos del Mar Muerto*, p. 269.

<sup>965</sup> Cf. MURPHY-O'CONNOR, J., *La Genèse Littéraire de la Règle de la Communauté* in **RB** 4 (1969), p. 554.

<sup>966</sup> Cf. SCHELKLE, K. H., *A Comunidade de Qumran e a Igreja do Novo Testamento*, p. 74.

<sup>967</sup> Cf. SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio Según San Juan*, tomo segundo, p.484.

<sup>968</sup> Cf. LAMADRID, A. G., op. cit., p. 267-268.271. De fato, no Novo Testamento, a escatologia realizada tem sua base cristológica: a pessoa e a obra de Jesus constituem a inauguração do reino de Deus desde já e a participação inicial, porém real, dos bens escatológicos.

alcançada: "Disse-lhe Jesus: 'Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá'" (11,25); c) o conhecimento de Deus já é uma possibilidade: "Diz-lhe Jesus: 'Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me vê, vê o Pai.'" (14,9). Deste modo, o que os homens de Qumran procuravam, podiam encontrar realizado na mensagem de Jesus, apresentada no Evangelho segundo João<sup>969</sup>.

À questão da vitória escatológica da luz, liga-se a questão da salvação. O que é preciso fazer para ser salvo? Tanto a Regra da Comunidade como o Quarto Evangelho respondem: é preciso ser um "filho da luz". Mas para aqueles homens no deserto, isto significava a obediência à lei de Moisés tal como era interpretada pela comunidade<sup>970</sup>. Para o Quarto Evangelho, a salvação é alcançada pela aceitação e pelo seguimento de Cristo Jesus como a única e verdadeira luz<sup>971</sup>. É justamente neste aspecto que se insere o discipulado; ele diz respeito à essa fé em Jesus enquanto "luz". Daí que é o compromisso de fé com Jesus que faz da pessoa um "filho da luz" e tenha condições de alcançar a salvação<sup>972</sup>.

#### 4.5.

#### Quadro Comparativo

A partir dos dados analisados nesta tese, nas diversas etapas, são apresentados a seguir os paralelos entre a Regra da Comunidade dos essênios de Qumran e o Quarto Evangelho, no que diz respeito ao conceito de luz e seus desenvolvimentos semânticos:

Tema	Regra da Comunidade	Quarto Evangelho
<b>Dualismo</b>	A escolha é ontológica. Oposição entre dois grupos de pessoas: um luta pelo bem; outro, pelo mal.	Não se fundamenta ontologicamente, nem provém da criação, mas teve início na história. Refere-se a uma escolha moral.

<sup>969</sup> Cf. SCHELKLE, K. H., *A Comunidade de Qumran e a Igreja do Novo Testamento*, p. 74-75.

<sup>970</sup> Cf. PUECH, É., *Les Manuscrits de la Mer Morte et le Nouveau Testament* in *EstBib* 54 (2006), p. 355.

<sup>971</sup> Cf. LIEU, J. M., *Blindness in the Johannine Tradition* in *NTS* 34 (1988), p. 93.

<sup>972</sup> Cf. TEEPLE, H., *Qumran and the Origin of the Fourth Gospel*, p. 16.

*De acordo com a herança do homem na verdade e na justiça, assim odeia ele a injustiça; e segundo a sua parte no lote de injustiça age impiamente nela (4,24).*

Oposição entre dois grupos de pessoas: um luta pelo bem; outro, pelo mal.

*Outra vez, então, falou-lhes Jesus dizendo: "Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida (8,12).*

## **Luz**

Corresponde ao bem, como força ativa sobre o homem, impelindo-o a agir bem.

Luz tem sentido moral.

Meio transcendente em que os homens estão submergidos.

É igual à verdade.

*Ele criou o homem para dominar o mundo, e pôs nele os espíritos, para que caminhe por eles até o tempo de sua visita: são os espíritos da verdade e da falsidade. Do manancial da luz provêm as gerações da verdade, e da fonte das trevas as gerações de falsidade.(...) E todos os espíritos de seu lote fazem cair os filhos da luz. Porém o Deus de Israel e o anjo de sua verdade ajudam todos os filhos da luz (1QS 3,17-19.24-25).*

O mundo que aceita Cristo.

É Cristo.

É a verdade e a salvação que liberta das trevas.

*Nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, e as trevas não apreenderam (1,4-5).*

*Ele era a luz verdadeira (1,9a).*

*Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida (8,12).*

## **Líder da luz**

Anjo da luz ou espírito da luz.

Tem poder sobre os filhos da luz.

*Na mão do Príncipe das Luzes está o domínio sobre todos os filhos da justiça; eles andam por caminhos de luz (3,19).*

A luz mesma, Jesus; a Palavra inciada. Tem poder sobre os filhos da luz.

*Outra vez, então, falou-lhes Jesus dizendo: "Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não caminhará na treva, mas terá a luz da vida" (8,12)*

## **Filhos da Luz**

Os justos, os membros da comunidade de Qumran.

*Para o sábio, para que instrua e ensine todos os filhos da luz (3,13). Porém o Deus de Israel e o anjo de sua verdade ajudam <sup>25</sup> todos os filhos da luz (3,24-25a).*

Os seguidores de Jesus.

*Enquanto tendes a luz, crede na luz, para tornardes filhos da luz (12,35).*

**O que leva  
ao reino da  
Luz**

Observância da Lei de Moisés.  
Aceitação da interpretação da  
Lei feita pela comunidade de  
Qumran.  
As boas obras da retidão e da  
justiça.

*Para [o Instrutor...] ... [livro da  
Reg]ra da Comunidade: para  
buscar Deus [com todo o coração e  
com toda a alma; para] fazer o que  
é bom e o que é reto em sua  
presença. como ordenou pela mão  
de Moisés e pela mão de todos os  
seus servos os Profetas; para amar  
tudo o que ele escolhe e odiar tudo  
o que ele rejeita; para manter-se  
distante de todo mal, e apegar-se a  
todas as boas obras; para operar a  
verdade, a justiça e o direito na  
terra, e não caminhar na  
obstinação de um coração culpável  
e de olhos luxuriosos fazendo todo  
mal; para admitir na aliança da  
graça todos os que se oferecem  
voluntariamente para praticar os  
preceitos de Deus, a fim de que se  
unam no conselho de Deus e  
caminhem perfeitamente em sua  
presença de acordo com todas as  
coisas reveladas sobre os tempos  
fixados de seus testemunhos; para  
amar a todos os filhos da luz, cada  
um (1,1-9).*

Crer na luz que é Jesus.  
O amor.

*Eu sou a luz do mundo. Quem  
me segue não andarás nas trevas,  
mas terá a luz da vida (8,12).  
Enquanto tendes a luz, crede na  
luz, para tornardes filhos da luz  
(12,35)*

**Conduta dos  
filhos da luz**

Viver virtuosamente.

*Estes são os seus caminhos no  
mundo: iluminar o coração do  
homem, endireitar diante dele todos  
os caminhos da justiça e da verdade,  
instalar em seu coração o temor dos  
preceitos de Deus; é um espírito de  
humildade, de paciência, abundante  
misericórdia, bondade eterna,  
inteligência, compreensão,  
sabedoria poderosa que confia em  
todas as obras de Deus e se apóia  
na abundância de sua graça; um  
espírito de conhecimento em todos  
os planos de ação, de zelo pelos*

Viver virtuosamente.

*Mas quem pratica a verdade vem  
para a luz, para que se manifeste  
que suas obras são feitas em  
Deus (3,21).*

*preceitos de justiça, de planos santos com inclinação firme, de abundante misericórdia com todos os filhos da verdade, de pureza gloriosa que odeia todos os ídolos impuros, de conduta modesta com prudência em tudo, de discrição acerca da verdade dos mistérios do conhecimento (1QS 4,2-6).*

## Verdade

Doutrina revelada, incluindo a Lei e a sua interpretação pela comunidade.

É a verdade de Deus que purifica. A entrada na seita era uma conversão à verdade.

*O momento decretado para o juízo. Então purificará Deus com sua verdade todas as obras do homem, e refinará para si a estrutura do homem arrancando todo espírito de injustiça do interior de sua carne, e purificando-o com o espírito de santidade de toda ação ímpia. Rociará sobre ele o espírito de verdade como águas lustrais [para purificá-lo] de todas as abominações de falsidade e da contaminação do espírito impuro. Assim os retos entenderão o conhecimento do Altíssimo, e a sabedoria dos filhos do céu instruirá os de conduta perfeita. Pois a eles Deus escolheu para uma aliança eterna, e a eles pertencerá toda a glória de Adão. Não haverá mais injustiça, e todas as obras de engano serão uma vergonha. Até agora os espíritos de verdade e de injustiça disputam no coração do homem e caminham em sabedoria ou em needade. De acordo com a herança do homem na verdade e na justiça, assim odeia ele a injustiça; e segundo a sua parte no lote de injustiça age impiamente nela, e assim abomina a verdade. Pois Deus os dispôs em partes iguais até o fim fixado e a nova criação (4,20-25).*

É a palavra de Jesus que liberta do pecado e de Satanás.

É a Palavra de Deus, a realidade divina manifestada neste mundo.

O mistério do ser divino e dos planos da salvação revelados na pessoa e na obra de Jesus.

Jesus está cheio de verdade e é a verdade.

Está ligada à vinda de Cristo e se opõe mais à mentira e ao falso testemunho do que a um erro moral.

*Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se manifeste que suas obras são feitas em Deus. (Jo 3,21).*

*Santifica-os na verdade; tua palavra é verdade. Como tu me enviaste ao mundo, também eu os envio ao mundo. E, por eles, a mim mesmo me santifico para que sejam santificados na verdade (17,17-19)*

#### 4.6.

#### conclusão

O Quarto Evangelho mantém o dualismo modificado como nos manuscritos de Qumran, de modo particular na Regra da Comunidade, pois não se trata de um dualismo de dois princípios opostos, uma vez que a fé monoteísta é a mesma. No entanto, o pensamento joanino enfatiza que a pertença de uma pessoa ao grupo da luz ou das trevas é devido a uma decisão pessoal, não constituindo uma predestinação divina como muitas vezes defendem os textos essênios. Esta forma diferenciada de pensar o dualismo, marcada pela eleição, reflete-se na postura diante das outras pessoas. Uma vez que se sentiam eleitos por Deus para pertencerem ao grupo da luz, constituindo, portanto, os filhos da luz na perfeição, na verdade e no exato cumprimento da Lei, os homens de Qumran segregaram-se do resto do judaísmo e, mais ainda, dos pagãos, enxergando-os sem exceção como os filhos das trevas destinados à perdição total e ao extermínio. Almejavam tal grau de perfeição e de santidade que excluía com desprezo os considerados impuros, como os cegos, surdos, aleijados... pecadores e pagãos. Ainda numa postura político-religiosa, os essênios de Qumran esperavam com ansiedade o momento da batalha final contra os ímpios filhos das trevas, quando conquistariam Jerusalém, assumiriam as funções no Templo e dominariam o mundo.

A perspectiva política não existe no Quarto Evangelho. A pertença ao grupo da luz acontece por uma decisão livre de seguir Jesus, aceitando-o como a luz do mundo e da vida. Como na Regra da Comunidade, o evangelho joanino sabe que o mundo falhou em responder a Deus. Porém, se, por um lado, Jesus deixa claro que o julgamento do mundo será baseado na livre decisão de nele crer ou não, de andar na luz ou nas trevas, por outro lado, afirma que ele é a luz deste mundo amado por Deus e oferece a todos os que crêem, sem exceção, a participação na vida divina. Se, na Regra da Comunidade, o filho da luz deve odiar os filhos das trevas, no Quarto Evangelho, o crente torna-se um filho da luz no amor concretizado no acolhimento do outro, que não está reduzido ao grupo de discípulos de Jesus. De fato, o círculo dos discípulos de Jesus não é um grupo fechado, e sim a comunidade escatológica chamada a testemunhar no mundo. Aquele que crê em Jesus, já tomou uma decisão antecipada de amar e acolher as

outras pessoas, uma vez que a luz de Jesus leva ao conhecimento do outro, possibilitando o amor. Neste sentido, existe constantemente para o mundo a possibilidade de ser incluído no grupo dos que amam, no círculo dos filhos da luz.